

## **Assunção de Salviano, A Madona de Cedro e Quarup: uma leitura dos romances iniciais de Antonio Callado**

---

**BRUNA STEPHANI SANCHES GRASSI**

*Universidade Federal de São Carlos. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.  
brupersephone@hotmail.com. Orientação: Prof. Dr<sup>a</sup>. Rejane Cristina Rocha.*

**Resumo:** O presente trabalho propõe uma leitura dos três romances iniciais publicados por Antonio Callado, a saber: *Assunção de Salviano*, *A Madona de Cedro* e *Quarup*. Buscamos elucidar, pela leitura dessas obras, os temas recorrentes na obra calladiana e como se constroem os enredos desses romances.

**Palavras-chave:** Antonio Callado, romance brasileiro, revolucionário

**Abstract:** The present work proposes an interpretation of the three first novels by Antonio Callado: *Assunção de Salviano*, *A Madona de Cedro* e *Quarup*. We tried to clarify, through the reading of these works, the recurrent themes in Callado's work and how the plots of these novels are framed.

**Keywords:** Antonio Callado, Brazilian novel, revolutionary

Antonio Callado produziu grande parte de sua obra ficcional em meio ao contexto ditatorial e pós-ditatorial, fato que influenciou diretamente o seu projeto literário. Observaremos aqui como se constroem as obras por ele publicadas antes do período ditatorial, *Assunção de Salviano* e *A Madona de Cedro*, e *Quarup*, obra publicada após o golpe militar, mas anterior à promulgação do Ato Institucional Número 5, o AI-5, que instituiu definitivamente a censura no Brasil.

### ***Assunção de Salviano***

*Assunção de Salviano*, publicado em 1954, foi o primeiro romance de Antonio Callado. A obra narra a história de Manuel Salviano, um carpinteiro ateu que, após concordar em participar de um plano no qual deveria fingir ser um beato, acaba realmente se convertendo em um homem de religião.

Salviano, envolvido em questões políticas do Partido Comunista – do qual faziam parte Júlio Salgado e o poeta João Martins – o mesmo Salviano, que detestava os padres (por acreditar que eles ficavam sempre do lado dos mais fortes e nunca do lado

dos fracos) e que não admitia a presença de uma Bíblia dentro de sua casa, aceita ser o ponto-chave, por intermédio da religião, do plano elaborado pelo PC.

O plano do Partido consistia na chamada “Operação Canudos”. A intenção era fazer que Manuel Salviano conquistasse a confiança dos posseiros, pelo discurso religioso, para, no dia 15 de agosto, dia de Nossa Senhora da Conceição, transformar a procissão numa verdadeira revolta camponesa, anunciando ser um comunista e não um beato como o povo acreditava.

Ocorre que os planos do Partido ficam ameaçados quando Mr. Wilson, um caixeiro-viajante americano começa a desconfiar. Júlio Salgado, para resolver o problema, mata-o, “[...] a bem do Partido mas por amor a João Martins” (CALLADO, 1983, p. 65), que estava muito assustado com a possibilidade de ser desmascarado pelo caixeiro.

Nos discursos que Salviano faz ao povo, a questão religiosa passa a se sobressair em relação à questão social, que sempre fora o foco desse personagem. Percebemos que começa a acontecer uma mudança em Salviano. Quando indagado por Júlio se realmente estava virando “santo”, ele responde: “Eu mesmo me perguntava de noite o que é que tinha acontecido em mim durante o dia, seu Júlio. As coisas que eu dizia pensando que dizia mentira viravam verdade depois na minha cabeça” (CALLADO, 1983, p. 93). Em seguida Salviano anuncia que não está mais disposto a colaborar com o Partido, o que faz que Júlio arme uma cilada para o carpinteiro, atribuindo a ele a morte de Mr. Wilson.

Salviano é preso e, recusando a alimentar-se, bem como recusando os planos de fuga a ele propostos, morre em sua cela. Por temer que o povo, que fazia vigília em frente à cadeia, invadisse a delegacia, o corpo de Salviano é retirado pelo telhado. Entretanto, a invasão popular é inevitável. Ao ver o buraco no telhado e a ausência do corpo, todo o povo crê que Salviano ascendeu aos céus.

Esse primeiro romance já toca em assuntos bastante polêmicos e que irão passar toda a obra romanesca de Antonio Callado: religião, questões agrárias, revolução, homossexualidade, assassinato, comunismo. Vejamos o que diz Martinelli sobre a temática desse romance:

Ora, creio que Callado aqui já expressava, mesmo porque não poderia ser de outra forma, os dilemas de sua condição de escritor no meio literário, colocando em cena a sua filiação ao campo dos escritores espiritualistas, demarcando claramente essa sua posição por meio de diversas críticas que ao longo da narrativa faz aos escritores materialistas, especialmente os ligados ao Partido Comunista (MARTINELLI, 2006, p. 118).

Ora, embora haja, sim, referências aos cuidados que os camponeses deveriam ter com certas atitudes atribuídas ao Comunismo, como matar para conseguir terras, é fato que o romance não é meramente uma obra de cunho espiritualista. Por trás do discurso religioso, há uma série de outras questões imbricadas no romance, como as explicitadas no parágrafo anterior. Portanto não podemos reduzir tal obra, como costumeiramente fez e faz a crítica literária especializada, a uma vertente meramente místico-religiosa.

Essa obra não traz grandes inovações formais. É composta por um narrador onisciente, que narra, de forma culta, os fatos de um enredo razoavelmente linear.

Embora a história se passe numa região específica do país, cidade de Juazeiro, não vemos em foco a retratação dessa realidade singular. Segundo Tristão de Ataíde (in: CALLADO, 1983, p. 9) existe, na obra, forte tendência aos temas universais: “[...] problemas da vida e da morte, da pureza e da corrupção, da incredulidade e da fé”. Embora o problema de posse de terras enfrentado pelos camponeses ocorra também em algumas outras regiões do país, é inegável que há a retratação dessa realidade local. Todavia não podemos discordar completamente de Ataíde, visto que os grandes problemas do homem também se fazem fortemente presentes.

Essa primeira obra se passa nos anos 50, os chamados “anos dourados”, uma era de modernização do país. Porém essa modernização não está presente no romance, sobretudo por estarmos em uma cidade interiorana. Entretanto, outras questões sociais pertinentes à época estão presentes. Como pontua Martinelli, sobre a década de 50:

Período de grande efervescência também no campo político em que se avolumam ideais de alfabetização generalizada, de ampla reforma agrária, de integração de brasileiros marginalizados (como nordestinos, negros e índios), ideais de soberania e desenvolvimento do Brasil face ao mercado internacional e, no limite, ideais revolucionários que então novamente tomavam corpo (MARTINELLI, 2006, p. 103).

Podemos perceber traços dessas questões apontadas por Martinelli, presentes em *Assunção de Salviano*. Acreditamos que toda a obra romanesca de Callado dialogue com os acontecimentos históricos pelos quais a sociedade brasileira estava passando.

Acreditamos ainda que há, na obra romanesca de Callado, um esmaecimento da utopia que projetava um futuro melhor para a nação brasileira. Levando-se em consideração essa hipótese, bastante significativa, a primeira frase desse seu primeiro romance parece sintetizar a sensação demarcada por seu projeto literário. Vejamos: “É bem verdade que, com o avançar dos anos, aqueles instantes de perfeita fé no futuro iam rareando” (CALLADO, 1983, p. 15). É essa a frase de estreia de Callado na literatura, em termos de romance. Entretanto não é possível afirmar veementemente, por meio de tal frase, que Callado, no início de sua carreira literária, já tinha um projeto solidamente traçado. Acreditamos na hipótese de que tal projeto foi-se constituindo ao longo da vida e da obra do autor, sobretudo pelos acontecimentos sociopolíticos pelos quais o Brasil era atravessado.

### *A Madona de Cedro*

O segundo romance escrito por Callado, *A Madona de Cedro*, foi publicado em 1957. Tem como tema o furto de obras de arte, sobretudo as sacras, enveredando-se em questões da fé e da corrupção humana envolvendo dinheiro.

Delfino Montiel, o personagem principal, vivia na cidade mineira de Congonhas do Campo, onde tinha uma loja de artigos de pedra sabão, herdada do pai. Em viagem ao Rio de Janeiro, Delfino conhece Marta e se apaixona por ela. Para conceder a mão da filha em casamento, o pai de Marta exige que Delfino tenha uma casa. Delfino volta para Congonhas e tenta fazer melhorias em sua loja, a fim de conseguir ganhar mais dinheiro. Entretanto os lucros conseguidos com as vendas são pequenos, e a saúde de Marta é grande.

Neste momento de agonia de Delfino, surge Adriano, um velho amigo de infância, com uma proposta, para o momento, quase irrecusável – ganhar dinheiro suficiente para a compra da casa, de modo fácil e rápido. Adriano trabalhava para o rico Juca Villanova, homem que apreciava ter em casa obras de arte “incomunicáveis” (CALLADO, s/d, p. 24). A proposta consistia no roubo da imagem de Nossa Senhora da Conceição – esculpida por Aleijadinho – da igreja de Congonhas do Campo.

Embora sendo homem de boa índole e sendo também religioso, Delfino, por força das circunstâncias, aceita subtrair a imagem da igreja na Semana Santa e também consegue com o padre as chaves para que Adriano fotografe uma segunda imagem, a de Judas, esculpida também por Aleijadinho.

O personagem pratica o roubo e compra o imóvel, casando-se com Marta logo em seguida. Nasce os filhos – seis no total –, e com eles também surgem dívidas. Ocorre que Delfino não se sentia satisfeito nem com as condições financeiras – que não permitiam proporcionar um bom estudo aos filhos –, nem com a própria consciência, visto que, no mesmo dia em que cometera o furto, havia ocorrido uma série de outros em Minas, todos atribuídos por ele a Juca Villanova. Isso fazia Delfino acreditar que sua culpa era bem maior, por ter participado de um plano do qual não alcançara as verdadeiras proporções.

O personagem desejava não ter segredos com a esposa, mas Marta, religiosa como era, jamais aceitaria o pecado cometido pelo marido. Por isso, Delfino não se confessava há treze anos, desde quando se casara: “com sua parte no roubo da Semana Santa, tinha perdido a capacidade de confessar seus pecados. Ou de confessar o pecado” (CALLADO, s/d, p. 66).

Descontente com esse fato, Marta resolve procurar o padre Estevão, para que ele convença seu marido a se confessar e também a comungar, agora que estava chegando a Semana Santa. Pedro – o sacristão – escuta toda a conversa do padre com Marta e fica desconfiado da atitude de Delfino, logo o relacionando ao roubo da imagem.

Para Martinelli, “o sacristão Pedro é o rato de sacristia, dissimulado e fingido, vivendo à sombra de padre Estêvão que o acolhe, é odiado por todos na cidade. Como espião dos confessorários da Igreja sabe da vida e dos pecados de todos” (MARTINELLI, 2006, p. 145). De posse da “revelação” e por nutrir um forte desejo por Marta, o sacristão começa a fazer insinuações a Delfino. Nesse ponto da narrativa ressurgiu Adriano, com nova proposta: mais um roubo, agora o da imagem por ele fotografada treze anos antes.

Delfino Montiel esclarece que não mais deseja participar de tais ações, mesmo porque Pedro Sacristão já desconfia de toda a verdade, e avisa que já está em vias de se confessar, a fim de obter perdão pelo roubo cometido:

[...] depois da conversa que tinha tido com padre Estêvão, sentia-se com coragem para fazer a confissão e a comunhão que Marta queria dele. E ia fazer uma confissão sincera, pois sem dúvida se arrependera do roubo, principalmente ao saber que fora tão extenso, à sua revelia (CALLADO, s/d, p. 94).

Entretanto, Juca Villanova não aceita negativa à sua proposta e manda a Madona de Cedro de volta para Delfino, para que ele devolvesse a imagem e roubasse a de Judas.

Adriano leva Delfino e Pedro Sacristão à presença de Juca, que expulsa Pedro da cidade, após revelar saber que o sacristão era o assassino de Lola Boba, mulher com que Pedro tivera um relacionamento amoroso. Após essa expulsão, Delfino se vê obrigado a executar as ordens de Juca Villanova, mas decide não usar o dinheiro que receberia como pagamento.

No dia da procissão, Delfino entra na igreja e restitui a Madona a seu lugar de origem, mas, no momento em que ia sair, percebe que está preso na igreja. Desesperado, ele se esconde dentro do caixão que abrigava a imagem do Senhor morto, sendo então carregado, em cortejo, por toda a cidade. Na volta à igreja, ele se mexe no caixão, matando uma beata de susto. O padre também percebe o “Senhor” se mexendo, e acredita estar tendo uma visão. Seria, para o padre, a retomada da fé que há tempos perdera, por nunca ter conseguido chegar até os índios, para ajudar a catequizá-los.

Desesperado por mais um pecado cometido, Delfino conta tudo à esposa, que resolve sair de casa. O personagem procura então o padre e conta toda a história. Como forma de penitência, padre Estêvão determina que Delfino atravesse a cidade carregando uma cruz. Na caminhada, depois de muito sofrimento, Delfino avista Juca Villanova, que viera cobrar o roubo não cometido, e percebe o motivo que fazia que Juca desejasse tanto a imagem: a grande semelhança física existente entre ele e a escultura de Judas. Delfino termina a penitência, recebendo o perdão divino e o perdão de Marta.

Comparando esse romance com *A Assunção de Salviano*, percebemos que nas duas obras é a esposa do personagem principal que traz à tona a revelação que dita o destino do marido: Irma denuncia Salviano à polícia, da mesma forma que Marta denuncia Delfino ao padre Estêvão e, conseqüentemente, a Pedro Sacristão. Nas duas obras, os momentos de clímax são programados para dias de procissão, tentativas frustradas, visto que Salviano desiste de ajudar o Partido, assim como Delfino não efetua o roubo da imagem de Judas.

Percebemos que recursos utilizados apenas pontualmente por Callado no romance anterior, são agora mais aprimorados e utilizados em maior escala, como, por exemplo, o recurso ao monólogo interior, que predomina em toda a obra; assim como as comparações, que se acentuam significativamente.

Martinelli observa que os heróis construídos por Callado “sempre experimentam formas de crescimento, de amadurecimento, de autoconhecimento e tomadas de consciência histórica e social” (MARTINELLI, 2006, p. 20), como é possível perceber nesses dois romances ora analisados, e como veremos em *Quarup*, posteriormente. Para ele, Delfino ganhará um caráter messiânico, tal como Salviano. No final de *Madona de*

*Cedro*, realmente Delfino é visto nas ruas carregando e cruz e, inclusive, uma mulher se benze ao passar por ele; mas não há, em tal personagem, como ocorre com Salviano, a posição de líder popular, que caracterizaria a posição de um messias.

O elemento risível permanece apenas utilizado pontualmente:

– Ah, meu velho, se aparecer um alfinete de igreja aqui em Congonhas o Pedro se pendura no badalo do sino do Santuário para reunir o povo e dar uma entrevista... Não se iluda, não (CALLADO, s/d., p. 118).

Percebemos ainda que o autor se baseia sempre na realidade exterior, para além de questões simplesmente de verossimilhança, como, por exemplo, a existência real de Aleijadinho e de suas obras de arte, em *A Madona de Cedro*, as lutas dos camponeses por terras, em *Assunção de Salviano*, e a existência real de determinados personagens, como veremos em *Quarup*.

São fatos históricos também os roubos de obras de arte em cidades de Minas Gerais. O IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico – elaborou documento<sup>1</sup> no qual constam todas as obras de arte subtraídas de 78 cidades do Estado de Minas Gerais, que totalizam cerca de 530 peças. O referido Instituto esclarece que, na grande maioria das vezes, as peças são furtadas para serem repassadas a colecionadores particulares, tal como narra Callado em *A Madona de Cedro*.

Em ambas as obras ocorre um fenômeno muito semelhante: fatos reais são elevados à categoria de lendas populares, com cunho religioso. Salviano, que tem seu corpo subtraído pelo telhado da cela que habitava na cadeia, para evitar uma comoção popular que fatalmente ocorreria se o corpo saísse pela porta da frente, ganha a categoria de “ascendido” aos céus. Todo o povo passa a crer que Salviano, através do buraco no telhado, subiu diretamente à presença divina. Já a Madona de Cedro, restituída por Delfino a seu altar de origem, também ganha a sua lenda

Nossa Senhora da Conceição voltara misteriosamente, depois de 13 anos de ausência. Formou-se logo a piedosa história de que Nossa Senhora, horrorizada com a miséria que ia por aquela terra mineira, tinha durante 13 anos, à imitação de Seu Filho, vivido como uma simples mulher de Minas, para sentir em sua carne o sofrimento de todos os seus filhos. Agora retornava à sua forma antiga de estatueta de madeira pintada e, sem dúvida, ao céu, onde ia relatar os horrores que vira em sua existência terrena (CALLADO, s/d., p. 189).

Essa obra, embora obscurecida, em termos literários, por *Quarup*, teve uma boa repercussão, tendo sido adaptada em forma de filme, e de telenovela exibida pela Rede Globo de Televisão.

<sup>1</sup> Que pode ser acessado em <http://www.iepha.mg.gov.br/images/stories/downloads/bensdesaparecidos-16fev2011.pdf>.

## *Quarup*

*Quarup* é a obra que consagra Callado como um dos grandes romancistas da literatura brasileira. Embora, à época de sua publicação (1967), a crítica literária universitária tenha praticamente ignorado a existência da obra, na atualidade muitos são os trabalhos que estudam esse romance, sobretudo dissertações e teses acadêmicas, dedicados a analisar *Quarup* sob diversos ângulos possíveis.

Todavia não queremos assinalar que a obra não teve sucesso na época de sua publicação; muito pelo contrário. A obra foi lida e relida por muitas pessoas. Galvão atribui esse sucesso à identificação da esquerda com os fatos narrados. Segundo a autora, o romance “foi lido e relido, e a esquerda ali encontrava, ficcionalizados, seus anseios, seus ideais, seus impasses, seus paradoxos” (GALVÃO, 1994, p. 190).

*Quarup* narra a história de Nando, um padre que parte para o Xingu, comprometido com a causa indígena, abandonando posteriormente o celibato e passando a se dedicar à alfabetização de camponeses. Mais tarde, ele torna-se professor na arte de amar mulheres feias e, finalmente, parte para a luta armada.

A obra é dividida em sete capítulos: “O ossuário”, “O éter”, “A maçã”, “A orquídea”, “A palavra”, “A praia” e “O mundo de Francisca”.

No primeiro capítulo, Nando é o padre responsável por cuidar do ossuário da Igreja. Ele passa grande parte de seu tempo naquele lugar onde começa a conviver com Francisca, uma moça que realizava trabalho de documentação dos azulejos de Santa Tereza. Francisca era noiva de Levindo, que é caracterizado como um típico revolucionário da década de 60. Podemos perceber essa caracterização logo na cena de abertura da obra, na qual Levindo entra no ossuário ferido a bala. Quando questionado sobre a necessidade de um médico, ele responde:

– Qual o quê! Levei um desses tiros com que a gente sonha quando se mete na luta: de raspão, abaixo do dedo pequeno da mão esquerda. Bastante sangue mas nenhum osso partido. De encomenda. Acho que a Força Pública tinha ordem de atirar para o ar. Nenhum camponês ficou ferido. Meu tiro foi de camaradagem. (CALLADO, 1975, p. 8)

É narrado ainda o drama de Nando, que está em conflito entre ficar e preservar seus valores ou partir para um futuro, até certo ponto, incerto. Sua verdadeira missão era ir para o Xingu, não somente para catequizar, mas para auxiliar os indígenas. Entretanto, Nando, nesse momento, é somente hesitação. O verdadeiro motivo dessa insegurança do personagem principal somente é narrado quando Nando conhece o casal de ingleses, Leslie e Winifred: o padre tinha medo de não resistir à visão das índias nuas e quebrar o celibato, e Winifred, ao descobrir o verdadeiro motivo da tensão do padre, o inicia sexualmente.

Fica claro o início do processo de transformação de Nando, ao qual ele próprio assiste aterrorizado: “[...] Nando via, depois, com horror, que discutira com naturalidade heresias de chocar mesmo pessoas apenas respeitadoras da religião, ou teses de violências contrárias por completo ao Sermão da Montanha” (CALLADO, 1975, p. 23).

Vemos retratado ainda, nesse primeiro momento, um incipiente autoritarismo por parte da direita e a posição da Igreja quanto ao Partido Comunista. Vejamos a conversa entre Dom Anselmo, superior de Nando, e o padre:

– O Major quer invadir nossos confessionários, Padre Nando. Imagine só. Quer tratar os confessores como recrutas seus.

[...]

– E o Major pede que nos confessionários procuremos influenciar e...

– Ah, se fosse só isto! Isto a Igreja pode, talvez mesmo deva fazer, pois o comunismo é de fato contra Deus. O Major que conseguir endereços, planos de subversão, nomes para encaminhar a ele! (CALLADO, 1975, p. 56)

Estão presentes, nesse primeiro capítulo, algumas das grandes questões da época: as batalhas estudantis; a causa dos camponeses, retratada através do Engenho de Nossa Senhora do Ó, que estava exposto a tudo, sem um governo sólido que olhasse por aquilo; a criação de sindicatos; o crescimento dos adeptos do Comunismo no Brasil; e obviamente, a causa indígena – questões que já se anunciavam nos romances anteriores de Callado, *Assunção de Salviano* (1954) e *A Madona de Cedro* (1957).

O capítulo termina com Nando completamente desprendido do medo que até então o assolava e decidido a, finalmente, ir ao encontro dos índios.

No segundo capítulo, “O éter”, Nando sai do Recife e parte para o Rio de Janeiro, então capital do país, a fim de se encontrar com o chefe do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), Ramiro Castanho. A imagem desse personagem é bastante satirizada na obra: a figura que deveria, por obrigação do ofício, defender os indígenas, não dava a menor importância à causa: “Era asco que o Diretor do Serviço de Proteção aos Índios sentia pela floresta” (CALLADO, 1975, p. 149). As paixões de Ramiro eram os remédios da Farmácia Castanho, antiga propriedade de sua família, e o lança-perfume. A grande crença desse personagem consistia no fato de o Brasil ser um país doente. Sua imagem física também é quase caricatural, com contornos bastante exagerados:

Ramiro era gordo, pálido, bigodinho negro cuidadosamente aparado e mãos manicuradas. Vestia ternos de tropical reluzente e camisa de palha de seda e tinha sempre um ar entediado, tendendo ao triste (CALLADO, 1975, p. 79).

Nesse capítulo aparecem ainda vários personagens: o jornalista Falua e sua namorada Sônia, pela qual Ramiro era apaixonado; Vanda, sobrinha e secretária de Ramiro; o comunista Otávio; a psicóloga Lídia; e o ministro Gouveia, que ganha o “coração” de Sônia ao lhe dar um apartamento.

Nando segue em seu processo de transformação, envolvendo-se agora com longas sessões de inalação de éter na casa de Ramiro. Vejamos a reflexão do próprio padre sobre as modificações pelas quais passava:



Como era agradável a sensação e o calor do uísque! Iria ficar um padre mulherengo e bêbado? pensou Nando aquecido pela bebida e deitando um olhar furtivo à elegante barriga da perna de Vanda (CALLADO, 1975, p. 101).

O Éter termina com Nando levantando voo rumo ao Xingu.

O terceiro capítulo se intitula “A maçã”, em virtude da peça que os amigos de Nando pregam no Padre quando ele chega ao Xingu. Ao pousar o avião nas terras xinguanas, Olavo, o piloto, conta para Nando que os índios tinham o hábito de se aproximarem da pista de pouso quando escutavam um avião chegando e que, dessa vez, estranhamente, eles não estavam ali. Ambos desembarcam, e não há o menor sinal dos índios, até o momento em que sai de uma cabana um casal de índios nus, e a índia morde e oferece uma maçã ao Padre. A satirização da passagem bíblica de Adão e Eva fora toda planejada entre os amigos de Nando e os próprios índios.

No Xingu, o grande protetor dos índios é, na verdade, Fontoura e não Ramiro, como era de se esperar. Fontoura defende a cultura e as terras indígenas da influência e da invasão de outros povos. Nas palavras desse personagem, são colocados os valores em voga na década de 60 quanto à causa indígena. São retratadas as doenças que assolavam os índios, por meio do sofrimento do índio Aicá; a postura da grande maioria dos brancos com relação a eles; a extrema pobreza à qual estavam submetidos e também seus costumes, como era o caso do ritual do Quarup.

A segunda pessoa a chegar ao Xingu, depois de Nando, é Lídia, já conhecida do padre nas noitadas que aconteciam na casa de Ramiro. Depois chegam o próprio Ramiro, Sônia, Vanda e Falua.

Este capítulo também toca num ponto significativo dos ideais da época: a questão feminista, representada, de certa maneira, por Sônia.

Calcinha, soutien, blusa, puxa. Homem é que gosta de ver a gente tirar um a um e que gracinha e que não sei mais o quê, como se todo o mundo não tivesse mama e o resto. Esses mulatões desses índios com cara de japonês anda tudo nu em pêlo mas mulher, ah! não isso não, não pode. Os homens saem para tomar banho nus entre os índios. Mulher não. Chochota de civilizada tem que ficar no armário. Índia e índio podem. Homem pode. Mulher neca (CALLADO, 1975, p. 165).

Sônia acaba fugindo com um índio e, apesar das longas buscas empreendidas por Falua e Ramiro, nunca mais é encontrada. Esse episódio da fuga de uma mulher branca com um índio é utilizado de modo sagaz pelo autor para criar muitas cenas que levam o leitor ao riso, chegando à paródia clara com a criação do SPS, Serviço de Procurar Sônia, em contraponto ao SPI, Serviço de Proteção ao Índio.

Em meio aos preparativos para a festa do Quarup, a grande visita esperada é a do então presidente Getúlio Vargas, que fizera uma promessa formal de ir, pessoalmente, ao Xingu. Tal visita nunca acontece, em virtude da renúncia e do posterior suicídio do presidente, que deixa perplexos todos os personagens:

- O velho renunciou. Não tem negócio de licença não. Agora é o Café Filho.
- Umas pústulas – disse Otávio – Vamos pegar o bote Falua, que a revolução começou. (CALLADO, 1975, p. 197).

E ainda

Otávio saiu correndo como um doido do campo de pouso e encontrou diante da casa do Posto Cícero aos soluços e Fontoura repetindo Getúlio morreu e Nando e Vanda e Lídia de caras transtornadas também e todas as perguntarem se seria que era verdade mesmo quem é que tinha ouvido no rádio e não havia dúvida a menor dúvida o velho tinha metido uma bala no coração [...] (CALLADO, 1975, p. 202)

É com esse episódio marcante da história do país que se encerra o terceiro capítulo. Como podemos perceber, fatos históricos são inseridos nas passagens que aludem à figura de Getúlio, de Carlos Lacerda ou, ainda, de muitos outros políticos. Ocorre grande mescla entre fatos ficcionais e fatos históricos. Isso não se dá somente no plano da narração, mas também no plano dos personagens, que são constituídos por um elenco ficcional e por pessoas que realmente viveram à época da escrita e da publicação do livro. Segundo Martinelli (2006, p. 220), outra estratégia usada pelo autor é a ficcionalização de fatos históricos, como é o caso da personagem Isabel Monteiro, que teve o marido assassinado e que representaria, no plano da ficção, a camponesa Isabel Teixeira, mulher que realmente vivenciara essa experiência.

O quarto capítulo é o maior e mais fragmentado da obra. Intitula-se “A orquídea”, em referência ao episódio em que Nando e Francisca se relacionam em uma clareira da floresta, repleta das mais variadas espécies de orquídeas.

Nando, após se envolver com várias mulheres, escreve a Dom Anselmo, desligando-se da Igreja. De volta ao Recife, fica sabendo que sua carta encontrara Dom Anselmo morto e que, de um modo ou de outro, seria desligado da Igreja, visto que o superior havia sido assassinado a tiros por Padre Hosana e que Nando sabia da existência ilegal da arma que levava à morte Dom Anselmo.

Nesse capítulo também é narrada a morte de Levindo e sua posterior idealização por parte dos demais personagens. Após a morte, Levindo é elevado à posição quase divina, representando um mártir e um modelo de luta, coragem e perseverança a ser seguido por todos aqueles que desejavam um futuro melhor para o país. Nesses moldes, Francisca se dirige ao Xingu para cumprir uma promessa que havia feito ao noivo: encontrar o centro geográfico do país, caso ele morresse em batalha e não conseguisse tal feito.

Todos, então, partem em busca do centro geográfico do Brasil, que é, na verdade, um grande formigueiro no qual Fontoura cai pouco antes de morrer. O capítulo termina com o anúncio da renúncia de Jânio Quadros, político que representava uma grande esperança para a população. Segundo Toledo,

com essa inesperada e tresloucada renúncia, Quadros visava o fechamento do Congresso que lhe fazia oposição. Não tendo o povo saído às ruas para exigir dos militares a volta do renunciante, o golpe se frustrou (TOLEDO, 2004, p. 68).

O quinto capítulo tem o nome de “A palavra”. Nando está alojado em Pernambuco, numa casa de praia que havia sido deixada por seus pais. Lá, ele e Francisca se dedicam à alfabetização de camponeses, pelo método Paulo Freire<sup>2</sup>.

A questão dos sindicatos e da miséria à qual os camponeses estavam submetidos é destacada também nesse momento. Neste momento, aponta-se a atitude de Januário, que joga no lixo as doações recebidas para os camponeses, retratando, assim, o intelectual que acabara por perder o foco de sua luta. Martinelli observa:

Como Júlio Salgado em *Assunção de Salviano*, Januário tornou-se um intelectual sem compaixão para com os mais necessitados. E como tal deverá ser combatido por Nando, que briga a socos e pontapés com Januário porque este, defendendo que o auxílio caridoso aos mais necessitados atrasava a revolução socialista no Brasil, subiu no caminhão que guardava remédios e alimentos enviados pelo governo norte-americano para socorrer os camponeses acampados no engenho Nossa Senhora Auxiliadora para receberem seu [sic] salários, e que estavam enfrentando além da fome a varíola, e começou loucamente a destruí-los (MARTINELLI, 2006, p. 221).

É também nesse capítulo que temos a narração do Golpe Militar de 64. A partir daí, veremos um retrato do que foi a ditadura militar no Brasil, com descrição da repressão, das prisões e da tortura pelas quais passou Nando. Obviamente a resistência também é narrada:

Nando ficou em silêncio, desdenhoso. O essencial é que o nome de Francisca parecia já esquecido no interrogatório. Não ia responder a perguntas idiotas. Ainda que lhe batessem na cara, disse a si mesmo, com alegria. Ainda que o esbofeteassem e lhe dessem pontapés (CALLADO, 1975, p. 356).

O penúltimo capítulo chama-se “A praia”. Nele, Nando torna-se um amante profissional, passando a ser visto pelos jangadeiros da região como um professor da arte de amar.

Nando reúne as mulheres e os jangadeiros para um grande jantar em memória dos dez anos da morte de Levindo, uma vez que “morte de herói a gente festeja, não chora” (CALLADO, 1975, p. 409), mesmo após ouvir os conselhos dos amigos, que o ins-

---

<sup>2</sup> Esse método de ensino foi criado pelo educador Paulo Freire, na década de 60. Como se tratava de alfabetização de adultos, partia-se do vocabulário cotidiano do próprio aprendiz, o que os levava ao apoderamento não só da língua escrita, mas da conscientização de seus direitos políticos enquanto cidadãos.

truíam a não agir assim, mas a exilar-se ao lado de Francisca, na Europa. Nesse jantar, ele é espancado quase até a morte pelo Sargento Xiquexique, que estava infiltrado na Marcha da Família. Curioso observar que, como pontua Martinelli, o sargento “o odeia, não por suas posições políticas e ideológicas, mas pelo seu poder de conquistar as mulheres” (MARTINELLI, 2006, p. 248). Ele é levado para a Quinta dos Frades, propriedade guardada pelo também ex-padre, Hosana, a fim de se recuperar.

O último capítulo, “O mundo de Francisca”, inicia-se com a longa convalescença de Nando, que perdera um olho e quase os movimentos de uma das pernas. Recuperado, ele é convidado a partir para a luta armada no interior do país. Convite aceito e decisão tomada, Nando deseja passar em sua casa na praia, para ver se há cartas enviadas por Francisca. Lá ele é emboscado e mata um soldado. Nessa hora, “sua deseducação estava completa” (CALLADO, 1975, p. 467). Ele percebe que seu amor por Francisca está além da própria Francisca, está no mundo. Autodenomina-se Levindo e parte para a luta armada.

Analisando todo o percurso do personagem Nando, podemos perceber sempre um tom caridoso e quase assistencialista em suas ações – do sacerdócio à alfabetização, da arte de amar mulheres feias à luta política pelos menos favorecidos e pela nação. Essa atitude de Nando vem de encontro àquilo que Galvão (1994) pontua sobre a necessidade que o intelectual sentia em levar cultura e conhecimento ao povo.

Percebemos que a transformação de Nando é completa, motivada, quem sabe, pela própria sociedade. Os fatos não permitiram outra atitude a Nando, que não a sua modificação e conseqüente adequação ao tempo e espaço em que estava inserido. Vejamos a síntese do processo pelo qual passa o personagem principal, em que fica bem marcada a relação entre a mudança e o tempo:

O Nando *no princípio achava* que cada um devia salvar a sua alma e o resto que se danasse. *Agora ele acha* que cada um deve contentar o corpo e o resto que se dane. O problema dele era se livrar da alma [grifos nossos] (CALLADO, 1975, p. 418).

Segundo a crítica, essa obra é a única que tem uma tônica realmente esperançosa. É indiscutível essa assertiva, se analisarmos as obras de Callado do ponto de vista da constituição de um projeto literário, no qual, a cada novo romance, o tom esperançoso se vai esvaindo. Entretanto, também é indiscutível que em *Quarup* há várias pistas do sentimento de descrença no futuro, como podemos perceber em passagens como estas: “Realmente os tempos passaram e as grandes obras não vieram” (CALLADO, 1975, p. 210), ou, ainda, nas palavras de Francisca numa carta que enviara da Europa a Nando: “O tempo que fiquei no Manicômio de Tamarineira e as horas que passei de interrogatórios embrutecedores me convenceram de que é mesmo preciso ar o adiar o Brasil, Nando” (CALLADO, 1975, p. 370); e finalmente, na reflexão de Nando: “Depois tinha vindo a falta do progresso, da esperança no mundo” (CALLADO, 1975, p.410), bem como suas próprias palavras: “[...] eu não creio que seja possível fazer nada de útil no país agora, fico esperando. Aqui me encontrarão mas não peçam que eu me mova antes” (CALLADO, 1975, p. 399).

Em termos literários, temos apresentados em *Quarup* índios reais, bem contrários aos descritos pela literatura romântica no Brasil e contrários também à superficialidade do movimento indianista do modernismo de 20, apontada por Bastos (1994). Não há mais espaço para idealizações. Os índios agora são as vítimas e não mais os heróis nacionais.

Já em termos políticos, embora o regime ditatorial estivesse forte quando da publicação do livro, tal como retratado na obra, a censura, em 1967, ainda não atuava com a força que veio a ganhar no final de 1968, com a promulgação do AI-5. Certamente essa obra iria para a gaveta se a censura estivesse bem atenta quando de sua publicação. Conforme pontua Roberto Schwarz, citado por Sussekind (2004, p. 28):

Se em 64 fora possível a direita “preservar” a produção cultural, pois bastara liquidar o seu contato com a massa operária e camponesa, em 68, quando o estudante e o público dos melhores filmes, do melhor teatro, da melhor música e dos melhores livros já constitui massa politicamente perigosa, será necessário trocar ou censurar os professores, os encenadores, os escritores, os músicos, os livros, os editores – noutras palavras, será necessário liquidar a própria cultura viva no momento (1961, p. 63).

Conforme afirma a crítica, Callado construiu um projeto literário acreditando que sua obra deveria promover a conscientização popular. Para ele, a literatura não deveria estar alheia aos acontecimentos históricos e políticos que atravessavam o Brasil. Podemos perceber nas obras aqui apresentadas que há sempre um fundo político bem marcado em *Assunção de Salviano* e *Quarup*, enquanto a questão moral está mais presente em *A Madona de Cedro*. As obras que sucedem *Quarup* acentuam ainda mais esse caráter político do projeto literário do autor.

### Referências

BASTOS, Alcmeno. O aprendizado de Brasil na ficção política de Antonio Callado, in: MEIHY, J.C.S.B. e ARAGÃO, M. L. *América: ficção e utopia*. Série América 500 anos, v. 1. São Paulo: EDUSP/ Expressão e Cultura, 1994.

CALLADO, Antonio. *Assunção de Salviano*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

CALLADO, Antonio. *A Madona de Cedro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

CALLADO, Antonio. *Quarup*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

GALVÃO, Walnice Nogueira. As falas, os silêncios (literatura e imediações: 1964-1968), in: Schwartz, J; Sosnowski, S. (org.) *Brasil: o trânsito da memória*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

MARTINELLI, Marcos. *Antonio Callado, um sermonário à brasileira*. São Paulo: Annablume, 2006.

SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

TOLEDO, Caio Navarro. 1964: O golpe contra as reformas e a democracia. In: Reis, Daniel Aarão, Ridenti, Marcelo, Motta, Rodrigo Pato Sá. (org.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)* Bauru: EDUSC, 2004.

**Artigo recebido em 28/07/2011**

**Aceito para publicação em 22/09/2011**